



TEATRO NA ESCOLA: UMA REFLEXÃO SOBRE AS AÇÕES COMPLEMENTARES DE FAZER E VER TEATRO NO CONTEXTO DA ESCOLA BÁSICA

Charles Wilson Oliveira de Sousa (UEM)

Sidmar Silveira Gomes (UEM)

ra112942@uem.br

Resumo:

A presente reflexão revela-se como um compilado das ações desenvolvidas por Charles Wilson (bolsista PIBIS-Fundação Araucária-CNPq-UEM) no âmbito do projeto de extensão “Entre a Escola no Teatro e o Teatro na Escola: Interações e Pedagogias Possíveis”. Em comum, essas ações, que vão desde oficinas a apresentações de espetáculos, revelam as relações possíveis entre os atos de ver e fazer teatro, implícitos às diferentes práticas teatrais no contexto da escola básica. Busca-se, portanto, em diálogo com referências temáticas do campo (DESGRANGES, 2006; DELDIME, 2002; FERREIRA, 2010; GUÉNOUN, 2004), discorrer acerca das formas que o fazer teatral pode contribuir para o nosso olhar ao ver teatro e de que maneira o ver teatro contribui para as nossas capacidades de fazer teatro. Conclui-se que para um processo de ensino/aprendizagem significativo no âmbito da linguagem teatral, os atos de ver e fazer devem estar articulados, havendo, para tanto, diversas possibilidades artístico-metodológicas a serem, também, desenvolvidas de formas articuladas, tais como proposição de oficinas, acontecimentos cênicos, performances, espetáculos, processos de mediação teatral etc.

Palavras-chave: Teatro na Escola; Escola no Teatro; Educação; Pedagogias do Teatro.

1. Introdução

A presente reflexão revela-se como um compilado das ações desenvolvidas por Charles Wilson (bolsista PIBIS-Fundação Araucária-CNPq-UEM), desde o ano de 2022, no âmbito do projeto de extensão “Entre a Escola no Teatro e o Teatro na Escola: Interações e Pedagogias Possíveis” (ETTE), o qual investiga as relações entre o teatro e a escola a partir de duas perspectivas: o tema da escola como pretexto à escrita de dramaturgias contemporâneas e as práticas do teatro no contexto da escola básica. Entre as ações desenvolvidas pelo bolsista ao longo desse período, destacam-se: participação no “Ateliê de Pedagogias do Teatro”, espaço destinado à investigação de metodologias e procedimentos para as práticas do teatro;



oficina de iniciação teatral para alunos do Colégio de Aplicação Pedagógica da UEM (CAP-UEM); montagem e apresentação do espetáculo “Conselho de Classe”, de Jô Bilac; concepção e realização da performance “A quem cabe o futuro do País?”, a qual teve como disparador uma personagem existente na dramaturgia de “Conselho de Classe”; o acontecimento cênico “Oficina Conselho de Classe”, experimento que investigava as fronteiras entre cena e oficina de teatro; acompanhamento da montagem e das apresentações do espetáculo “Coro dos Maus Alunos”, do dramaturgo português Tiago Rodrigues.

Por meio das ações realizadas nesse período, o bolsista pôde perceber o espaço escolar como lugar potente para o fazer teatral, além de que muitas relações podem ser feitas entre atuar e educar. Para a professora e pesquisadora Tais Ferreira (2010), nessa relação entre escola e teatro, a escola se torna cenário-contexto, que forma os estudantes que são atravessados pelos discursos e práticas dessa microssociedade que os rodeia e os acolhe. Em comum, as ações do ETTE revelam as relações possíveis entre os atos de ver e fazer teatro, implícitas às diferentes práticas teatrais factíveis ao contexto da escola básica. Portanto, no âmbito dessas experiências, uma questão emerge: de que forma fazer teatro contribui para o olhar de quem vê teatro, e, na mesma medida, de que maneira ver teatro contribui para o desenvolvimento das capacidades cênicas de quem faz teatro?

Sobre esse assunto, no recorte específico das práticas do teatro na escola, Ferreira nos lembra que “[...] o modo como as crianças percebem, sentem e pensam o teatro passa pelo caminho e pelos atravessamentos propostos pela instituição escola” (FERREIRA, 2010, p.13), ou seja, a escola apresenta-se como espaço privilegiado aos primeiros contatos da criança com a linguagem teatral. Já o artista e professor franco-argelino Denis Guénoun, que entende o ato de ver e o ato de fazer teatro como as duas faces de uma mesma moeda, nos diz que “[...] o olhar traz a aprendizagem, mas lemos, além disso, que a referida aprendizagem proporciona prazer” (GUÉNOUN, 2004, p. 26). Por fim, o pesquisador Roger Deldime (2002) expõe que “[...] a arte e a educação [...] se completam, estabelecendo uma relação de respeito mútuo, na qual uma depende da outra para equilibrar permanentemente a compreensão acerca do sentido da formação de crianças e jovens” (DELDIME, 2002, p. 231).

No limite, a presente reflexão procura pensar sobre as possíveis relações entre ver e fazer teatro; arte e educação; docência e criação artística.



2. Metodologia

O trabalho desenvolvido pelo ETTE se divide basicamente em duas frentes complementares: 1) investigação de metodologias e procedimentos para as práticas do teatro no contexto da escola básica, que podem ter como ponto de partida releituras de jogos tradicionais, jogos dramáticos (RYNGAERT, 2009), jogos teatrais (SPOLIN, 2001), entre outros, e que, na escola, fomentam a proposição de oficinas teatrais direcionadas a alunos e docentes, além de dinâmicas de mediação teatral, realizadas antes e após apresentações de espetáculos; 2) montagem e apresentação de espetáculos, performances e exercícios cênicos no ambiente da escola, geralmente criados a partir da perspectiva de processo colaborativo, “[...] processo de criação que busca a horizontalidade nas relações entre os criadores do espetáculo teatral. Isso significa que busca prescindir de qualquer hierarquia pré-estabelecida e que feudos e espaços exclusivos no processo de criação são eliminados” (ABREU, 2004, p. 1). Ou seja, a poética própria de trabalho do projeto de extensão ETTE, a qual se constrói desde 2022, dá destaque às relações íntimas entre os atos de fazer e ver teatro, instâncias articuladas por proposições artístico-pedagógicas alicerçadas sobre jogos improvisacionais, criações cênicas, performances, formação de espectadores etc.

Nesse sentido, a metodologia de trabalho para o desenvolvimento desta pesquisa partiu da observação atenta e da descrição das ações realizadas pelo projeto, em diálogo com as referências teóricas e temáticas aqui evidenciadas.

3. Resultados e Discussão

Sabendo que a linguagem teatral pode modificar as formas de se ministrar conteúdos – por exemplo, a disciplina de inglês pode se valer do teatro como recurso didático/metodológico para a aprendizagem da língua –, a pergunta que surge é: se o teatro pode modificar a estruturação das formas de se educar, poderia a escola modificar as formas de se fazer teatro?

Sabemos que a “[...] atitude do receptor em sua relação com a obra teatral se divide em três fases: no primeiro momento, ele reconhece o signo; no segundo momento, decodifica o signo; e, no terceiro momento, interpreta o signo, relacionando-o aos demais signos visuais e sonoros presentes na encenação” (DESGRANGES, 2006, p. 153). Nesse sentido, vale mencionarmos uma situação acontecida na ocasião da apresentação da peça “Conselho de Classe”, de Jô Bilac, no CAP-UEM. Em nossa proposta de encenação duas personagens



professoras tomavam cerveja na cena final. Após a primeira apresentação na escola, nos foi pedido pela direção para que retirássemos as latas de cerveja, substituindo-as por outra bebida. Substituímos por latas de água tônica de uma marca que utiliza amarelo em sua identidade visual, mesma cor empregada por uma marca de cerveja de grande circulação. Na apresentação seguinte, assim que as personagens tiraram a cerveja da sacola e abriram as latas, um dos alunos presentes na plateia gritou: “é cerveja!”. Portanto, a leitura continuou a mesma, evidenciando que, em cena, um elemento não tem significado por si só, mas esse significado se constrói na comunhão entre a tríade elemento cênico, ator e espectador. Fato é que o aluno que gritou havia participado de uma oficina de iniciação teatral proposta pelos atores em cena, alguns dias antes da apresentação, na qual, por meio do acontecimento trazido pela dramaturgia de Jô Bilac, a proibição de um aluno de entrar na escola por estar portando um boné, os participantes foram convidados a expressar, por meio do corpo em jogo, pela via de experimentações cênicas, seus pontos de vista sobre essa situação. Portanto, trata-se de um aluno que havia experimentado, dias antes, a posição inversa, estar em cena, o que o possibilitou e fomentou intimidade com a cena e seus elementos de construção e, ao mesmo tempo, liberdade e autonomia para expressar suas leituras sobre o acontecimento assistido. Assim, ao fazer teatro e estar alfabetizado diante dos elementos que compõem essa linguagem, consequentemente o aluno está instrumentalizado para percorrer o caminho de leitura/fruição da cena teatral. A perspectiva inversa também é verdadeira. Ao assistir uma peça de teatro, ao aluno espectador também é dada a possibilidade de compreensão, por meio dos sentidos, dos elementos que compõem a linguagem teatral, o que refletirá, sem dúvida, no desenvolvimento de seu domínio dessa linguagem artística quando estiver na posição de fazedor de teatro.

4. Considerações

A escola pode contribuir para a modificação das formas de se fazer teatro e as experiências desenvolvidas no âmbito do ETTE apontam nesse sentido. Assim, essa contribuição, para ser efetiva, deve contemplar, de forma indissociável, os atos de ver e fazer teatro. Geralmente, no contexto da escola, os alunos não têm aulas de teatro, tomando contato com essa linguagem apenas em momentos esporádicos, quando espetáculos são apresentados aos alunos ou quando a escola propõe alguma saída pedagógica. Na mesma medida, quando os alunos têm aulas de teatro, geralmente no contexto das aulas de Arte, não há garantia de



que poderão participar da experiência proporcionada pela escola de assistir a espetáculos. Assim, para um processo de ensino/aprendizagem significativo no âmbito da linguagem teatral, os atos de ver e fazer teatro devem estar articulados, havendo, para tanto, diversas possibilidades artístico-metodológicas a serem, também, desenvolvidas de formas articuladas, tais como proposição de oficinas, acontecimentos cênicos, performances, espetáculos, processos de mediação teatral etc.

Referências

ABREU, Luis Alberto de. Processo Colaborativo: relato e reflexões sobre uma experiência de criação. **Cadernos da ELT**, n. 2, p. 1-10, jun. 2004.

DELDIME, Roger. Formar o espectador infanto-juvenil para ver e fazer teatro. **Revista Sala Preta**, v. 2, 2002, p. 229-232.

DESGRANGES, Flávio. **Pedagogia do Teatro: Provação e Dialogismo**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

FERREIRA, Taís. **A escola no Teatro**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2010.

GUÉNOUN, Denis. **O teatro é necessário?** São Paulo: Perspectiva, 2004.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Jogar, representar**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2001.